

Comunicações Interseccionais: uma nova trajetória para os novíssimos encontros da EPC.¹

Jader Cleiton Damasceno de Oliveira²

Universidade Federal Fluminense - UFF

Resumo

Este trabalho propõe pesquisar, por meio de análise bibliográfica, as intersecções (Hill Collins, 2021) na comunicação (Franciscato, 2013) com outros saberes. A pesquisa evidencia a flexibilidade do campo e a sua forma híbrida de relações, constantes encontros e tensionamentos (Mosco, 1999; Bolaño, 2008; Lima Dourado, 2013). Nesse contexto, decidiu-se conduzir um estudo exploratório para indicar possíveis eixos de convergência, aproximação e afastamento entre comunicação, política, cultura e sociedade em tempos de mutação (Andrade, 2015) e midiaticização (Hjarvard, 2014). A pesquisa será estruturada em cinco seções. A primeira tratará da natureza convidativa do campo. Nas segunda e terceira seções, serão discutidas, respectivamente, a expansão teórico-prática e as intersecções. As novas perspectivas comunicacionais serão exploradas na quarta e quinta seções.

Palavras-chave: intersecções comunicacionais; pesquisa bibliográfica; economia política da comunicação; comunicação flexível; encontros epistêmicos.

Uma EPC interseccional sim, senhor!

Este artigo investiga a flexibilidade do campo comunicacional segundo a Economia Política da Comunicação, considerando a influência de outros saberes em sua formação e consequências práticas na comunicação (Mosco, 1999, p. 98). Por ter um caráter biográfico (Fachin, 2005, p. 119), o trabalho pretende contribuir para ampliar os estudos em comunicação e suas consequências práticas no cotidiano.

Para entendermos o campo da comunicação, é necessário considerar diferentes performances; é imperativo evidenciar algumas marcas que constituem sua construção, assim como suas dimensões sociais, culturais e geopolíticas.

Nesta perspectiva, revisitamos uma fala recente de Carlos Franciscato durante o *webinário* “Desinformação no Nordeste: Desafios e oportunidades para o jornalismo” (ULEPICC-Brasil; COAR, 2020) na qual o mesmo sinaliza via práxis do jornalismo os

¹ Trabalho apresentado no **GP 12 - Economia Política da Comunicação**, do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Doutorando em Mídia e Cotidiano pelo PPGMC/UFF e mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFPI, srjdamasceno@gmail.com / jaderd@id.uff.br .

imperativos de novos modelos tecnológicos, arranjos capitalistas e o cotidiano plataformizado. Segundo Franciscato (2020), "Este campo do jornalismo não é mais só das organizações jornalísticas, ele é atravessado por outros sujeitos. Esse lugar [plataforma] é estratégico para a gente resolver as coisas".

Além disso, ao destacar o crescimento da indústria de tecnologia durante essa transição de séculos, evidenciamos também que esse mesmo desenvolvimento não altera apenas a forma e a perspectiva de ver as mídias, mas escancara as desigualdades na produção, circulação e consumo comunicacionais entre pessoas, grupos e instituições. Permite identificar com maior clareza o uso da comunicação na construção e no apoio a determinadas realidades, em detrimento de outras. Segundo Lima Dourado (2013, p. 18), é vital discutir a comunicação no contexto de uma contemporaneidade globalmente conectada, em que a informação é fundamental no aspecto político-econômico-cultural, operando como agente de manutenção de velhos sistemas bem como o surgimento de novas formas hegemônicas. Essa sutileza observacional permite identificar caminhos e veias de uma EPC inteiramente presente ao tempo que se constrói. Uma EPC ao espírito do seu tempo, concebida em rápidas e fragmentadas camadas interseccionais vividas, impostas, expostas e sobrepostas dentro e fora das redes.

Esse pensamento corrobora diretamente com nossa hipótese de que novos olhares sobre o campo comunicacional devem ser considerados à medida que se estendem do campo simbólico ao campo prático a partir de novas demandas, velhas reivindicações sociais e novíssimas estruturas de produção, reprodução e consumo de comunicação, dentro e fora das empresas comunicacionais.

Nos idos de 2008, Bolaño antecipava o reconhecimento das disputas permanentes no campo da EPC, que se tornariam mais nítidas com a horizontalização das possibilidades técnicas em relação às comunicações, a sobreposição de crises, bem como as pautas sociais e suas interseccionalidades, tanto no campo quanto nas práticas. Dizia ele que, “nessa situação de conflito, dois grandes paradigmas poderiam ser aglutinadores de correntes densas de estudo: a economia política da comunicação, por um lado, e o paradigma pós-modernista” (Bolaño, 2008, p. 28).

Fica evidente que, desde o seu nascedouro até os dias atuais, o campo da comunicação enquanto campo científico, nos provoca a refletir os diálogos e desafios em um ambiente repleto de símbolos e discursos de poder — sejam eles capital, institucional

ou simbólico. A respeito da difícil situação relacionada às disputas de poder, podemos refletir, seguindo Franciscato (2013, p. 26) “São intrínsecas ao campo científico relações de força e de poder [...] Neste raciocínio, o capital gera poder acadêmico e, em consequência, controle institucional sobre a ciência.” Relativamente à aceitação e repulsa dentro do campo, Lopes e Magalhães (2012, p. 3) nos convidam a pensar a ebulição como forma positiva capaz de proporcionar respostas às fissuras dos saberes que, até o momento do atrito, estavam cristalizadas na institucionalização do saber.

A produção de conhecimento, por natureza, apresenta-se como um dilema de escolhas que orbitam entre aceitação e negação. Esse ponto inicial propõe uma posição ativa para o pesquisador e, por consequência, o situa em um espaço destinado a “pares”, cujos interesses nem sempre iguais, mas convergentes. Esses grupos de estudiosos, ao propor novas questões sobre os saberes comunicacionais, lançam um olhar crítico sobre as pesquisas produzidas no campo e suas relações sociopolíticas. Assim, promovem tensões que alargam o campo e os objetos de investigação voltados à comunicação e mídias. O diálogo não ortodoxo com outros campos do conhecimento e questões fortalece seu caráter interseccional e transdisciplinar.

Não é recente que a comunicação seja um espaço dialógico de disputas. Wolf (1987) indicava as contradições entre comunicação, ciência e práticas como algo natural ao campo. Nas suas palavras, a comunicação é “uma experiência pessoal vivenciada no dia-a-dia, uma esfera de embates políticos, um modo do sujeito obter informações e de passar o tempo, além de um sistema de intervenção cultural e de agregação social” (Wolf, 1987, p. 13).

No que tange à disputa e tensão de poderes, Martino (2006, p. 34) torna visíveis as múltiplas dimensões do poder no campo, suas possíveis zonas de partida e sua natureza heterogênea ao afirmar que “[...] além de se encontrar no cruzamento de muitas dimensões do conhecimento e da vida prática, reúne em torno de si muitos tipos de interesse, inclusive o exercício do poder”.

Assim, tanto as pesquisas quanto o próprio campo tornam-se convites ao exercício do novo contraditório. Um convite a acompanhar as transformações sociais relacionadas ao poder, paralelamente às suas viradas *tecnocientíficas*. Estamos no ano 25 do século XXI; junto aos avanços da ciência, repetem-se os erros civilizatórios como em sua origem primária. Para quem acredita no acaso, isso pode ser interpretado como ironia no destino.

Para os mais céticos, os resultados são escolhas e arranjos políticos anti-povo. Estamos vivendo um período único e singular. Um paradoxo está se manifestando em todos os campos do saber. Neste entremeio, incluímos os estudos de comunicação e as dialéticas do nosso tempo. Para entendermos esse movimento de expansão, devemos considerar a etimologia dos termos e seus novos usos.

As pesquisas sobre conceitos comunicacionais e mídias são pautas agudas em todos os períodos históricos, independentes dos formatos técnicos. Mas ganham maior destaque e força em momentos de virada científica, tecnológica, política e cultural. Para Samária Andrade (2015, p. 52) “contemporaneamente a EPC tem numerosos interesses temáticos, grande parte envolvendo as transformações contemporâneas advindas da reconfiguração capitalista de modo global”. Esse fenômeno é atravessado por interesses mercadológicos, fenômenos sociais outsider ao status quo hegemônico.

Nas palavras de Franciscato (2013, p. 25), “quando um paradigma se mostra deficiente ou insuficiente para explicar um fenômeno ou uma realidade, instala-se um estado de crise”. Embora muitos acreditem na promiscuidade e superficialidade da comunicação em serviço do capital, é indispensável olharmos com mais sutileza os desafios existentes nas práticas e nos estudos para compreender a potência do seu papel na contemporaneidade midiaticizada (Hjarvard, 2014, p. 24).

A aventura tão presente nas pesquisas de comunicação pode se mostrar uma preciosa ferramenta para as experiências sociais. Assim como uma bússola orienta um navio à deriva, a comunicação atua como horizonte para as sociedades livres com bases democráticas. Iluminar e decodificar as experiências das relações humanas e suas práticas em comunidade podem parecer utopia. Sobre sonhos da ciência, Celso Furtado (2013, p. 144) nos instiga a pensar a realidade material via utopia como “o fruto de percepção de dimensões secretas da realidade, um afloramento de energias contidas que a ampliação do horizonte de possibilidades aberto ao homem”.

A proposta germinal desta pesquisa, demonstrada por experiências interseccionais elásticas, busca reafirmar um estatuto de ciência independente e potente que pense a comunicação e as mídias em diálogo com problemas sociais. E assim como outras ciências, ela é permeada por diversos saberes em diferentes camadas sociais, épocas históricas e sentidos. A rigidez e a separação indicadas pelo conhecimento clássico muitas vezes não se conciliam aos estudos comunicacionais.

Essa problemática se deve ao caráter vivo, tanto da prática quanto dos objetos e sujeitos das pesquisas. Voltamos assim à ideia primeira de práxis enquanto etimologia conceitual do saber aliado à prática. Em consequência, apontamos o pensamento transformador das palavras como catalisadoras de sentidos complexos na direção da emancipação coletiva. Coletivo, comum e comunicação, palavras nascidas na evolução da mesma árvore social (Williams, 2007, p. 96).

Ao falar em elasticidade, propomos entender as tensões interseccionais do campo, atribuindo-lhe o caráter de encontros frutíferos em seus interstícios. Sugerimos um diálogo epistemológico, buscando identificar e compreender as diferenças e semelhanças entre áreas de conhecimento em relação à sua evolução temporal em direção ao aprimoramento das democracias laicas, horizontais e coletivas. Isso deve ocorrer sem hierarquias ligadas ao capital das palavras, das áreas do conhecimento e dos indivíduos narrados e narradores da história.

A comunicação, no tempo presente, é uma comunicação sem a ideia de eixo reto. Uma transversalidade de experiências em disputa e negociação. Enquanto se expressam em dimensões diferentes, as relações entre as comunicações, culturas e economias alargam o horizonte das pesquisas em comunicação e suas possibilidades. Acompanhar os avanços técnicos, culturais e sociais não faz parte de um simples arranjo acadêmico, mas é a própria natureza e construção do saber comunicacional.

Referências

ANDRADE, Samária Araújo de. **Jornalismo em mutação: estudos sobre a produção de conteúdo da fase do capitalismo avançado**. Teresina: EDUFPI, 2015.

BOLAÑO, César. A centralidade da chamada Economia Política da Comunicação (EPC) na construção do campo acadêmico da comunicação: uma contribuição crítica. In: BOLAÑO, C. (org.). **Comunicação e a crítica da economia política: perspectivas teóricas e epistemológicas**. São Cristóvão: Editora UFS, 2008, p. 97-112.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de Metodologia**. 5 ed. São Paulo; Saraiva. 2005.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **Fabricação do presente**. São Cristóvão. Ed. UFS / Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **Webinário “Desinformação no Nordeste: Desafios e oportunidades para o jornalismo”**. ULEPICC-Brasil e a COAR, 2020.

FURTADO, Celso. Desenvolvimento e cultura. In: MELO, José Merques de; MELO, Patricia Bandeira de (Org.) **Economia política da comunicação: vanguardismo nordestino**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2013.

HILL COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

HJARVARD, Stig. **Midiatização: conceituando a mudança social e cultural**. Matrizes, v. 8, n. 1, p. 21-44, 2014.

LIMA DOURADO, Jacqueline. **Economia política do jornalismo: campo, objeto, convergências e regionalismos**; Org. LIMA DOURADO, Jacqueline. Teresina: EDUFPI, 2013. 350 p.

LOPES. Paulo Fernando de Carvalho; MAGALHÃES, Adriana Maria. **A Comunicação e um dos seus dilemas: a interdisciplinaridade**. XXXV Intercom; Fortaleza, 2012.

MARTINO, Luiz C. **Abordagens e representação do campo comunicacional**. XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru-SP. 2006.

MOSCO, Vincent. **Economia Política da Comunicação: uma perspectiva laboral. Comunicação e Sociedade**. 1. Caderno do Noroeste, Série Comunicação, Vol. 12 (1-2), 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-Chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. 2007.

WOLF, Mauro; DE FIGUEIREDO, Maria Jorge Vilar. **Teorias da comunicação**. Presença, 1987.